



## **TEATRO DE FRONTEIRA: BALANÇO DA PRIMEIRA DÉCADA**

**“O nosso teatro é um teatro que provoca a plateia politicamente a repensar os seus modelos, os seus padrões sociais”.**

## **TEATRO DE FRONTEIRA: BALANCE DE LA PRIMERA DÉCADA**

**“Nuestro teatro es un teatro que incita políticamente al público a repensar sus modelos, sus estándares sociales”**

## **TEATRO DE FRONTEIRA: FIRST DECADE EXAM**

**“Our theater is a theater that provokes the audience politically to rethink its models, its social Standards”**

**Rodrigo Carvalho Marques Dourado<sup>1</sup>**

### **Resumo**

O Teatro de Fronteira é um grupo cênico pernambucano que trabalha com as noções de Biodrama e Teatro Documentário. Nesta entrevista, o fundador da companhia, Rodrigo Dourado, recupera a origem e a trajetória artística do grupo, reflete sobre seus modos de produção, suas escolhas poético-estéticas. Faz considerações sobre a criação em tempos pandêmicos e elucida as motivações políticas do trabalho do Fronteira.

**Palavras-chave:** Biodrama, Teatro Brasileiro, Teatro Digital, Teatro Documentário, Pandemia.

### **Resumen**

El Teatro Fronteira es un grupo escénico de Pernambuco que trabaja con las nociones de Biodrama y Teatro Documental. En esta entrevista, el fundador de la compañía, Rodrigo Dourado, recupera el origen y la trayectoria artística del grupo,

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Teatro do Departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Venceu os prêmios Ariano Suassuna (Fundarpe/PE) e Funarte de Dramaturgia, em 2018, com o texto "Terminal". Autor do livro "Bonecas falando para o mundo: identidades 'desviantes' de gênero e sexualidade no teatro" (Sesc/2017). Tem artigos e traduções publicados em Próximo Ato: Teatro de Grupo (Itaú Cultural/2011), Repertório (PPGAC/UFBA), Urdimento (PPGAC/Udesc), Conjunto (Casa de las Americas/Cuba), Ensaio Geral (UFGA), Revista da SBAT, Trema, Revista Continente Multicultural (CEPE/PE), Portal 4 Parede, entre outros. Foi professor dos Cursos de Formação do Ator do Sesc/Piedade e Sesc/Santo Amaro, Pernambuco, de 2004 a 2014. E-mail: rodrigo.dourado@ufpe.br

\* O diálogo, realizado de maneira remota em 10 de Abril de 2021, foi provocado por Deborah Barboza, Bárbara Estefanski e Aline Domingos de Freitas, - estando apenas a primeira presente -, como atividade da disciplina Jogos Teatrais e Improvisação, ministrada pela Profa. Mestra Natali Assunção (UFRN) junto ao Curso Superior em Desenvolvimento Cênico do Centro Universitário Brasileiro (Unibra/PE). Alguns adendos foram feitos nesta edição.

reflexiona sobre sus modos de producción, sus elecciones poético-estéticas. Hace consideraciones sobre la creación en tiempos de pandemia y aclara las motivaciones políticas del trabajo de Fronteira.

**Palabras clave:** Biodrama, Teatro Brasileño, Teatro Digital, Teatro Documental, Pandemia.

### **Abstract**

Teatro de Fronteira is a scenic group from Pernambuco that works with the notions of Biodrama and Documentary Theater. In this interview, the company's founder, Rodrigo Dourado, recovers the origin and artistic trajectory of the group, reflects on its modes of production, its poetic-aesthetic choices. It makes considerations about creation in pandemic times and elucidates the political motivations of Fronteira's work.

**Keywords:** Biodrama, Brazilian Theater, Digital Theater, Documentary Theater, Pandemic.

**Deborah Barboza:** Rodrigo, muito obrigada pela disponibilidade, por estar podendo participar, é muito importante para nós. A gente queria fazer algumas perguntas sobre o Teatro de Fronteira. A primeira é: como o grupo foi criado?

**Rodrigo Dourado:** Boa noite, obrigado a vocês pelo convite, uma alegria poder colaborar. O Fronteira surgiu em 2009, a partir da junção de ex-alunos meus que manifestavam o desejo de participar de um grupo, de montar algum trabalho. Eles eram Arthur Canavarro, Danilo Tácito, Patrícia Fernandes, e Kiko Gouveia. Esse último não chegou a ser meu aluno, mas era alguém que estava estagiando no Sesc, como estudante de Artes Cênicas da UFPE, e eu era funcionário do Sesc Pernambuco à época e assim nos conectamos. A tradução de textos teatrais, ou teóricos, sempre foi uma coisa que me interessou. Já tinha traduzido, entre outros, um texto de Eugene O'Neill, que se chamava *Sedentous*<sup>2</sup>. Fiz um experimento com esse texto em 2001. Eu lia muita dramaturgia estrangeira, e tinha desejo de traduzir mais. Nessa época, particularmente, em 2009, estava interessado em encenar alguma dramaturgia latino-americana. Porque há muita produção de dramaturgia nos países em volta do Brasil e que a gente conhece pouco essa dramaturgia. Descobri, por meio da Internet, um texto chamado *Chat*, de autor venezuelano, Gustavo Ott. Achei a dramaturgia dele, como um todo, muito interessante. Ele tinha sido pouco montado no Brasil. *Chat*, particularmente, nunca tinha sido montado no país. Decidi traduzir e encenar esse

---

<sup>2</sup> *Thirst*, no original. Peça de 1913.

texto. A tradução foi feita junto a Wellington Jr. Não havia apoio financeiro de nenhuma fonte, a montagem foi custeada pelo próprio grupo. Ensaíamos em vários espaços, encontrando apoios diversos, e, por fim, fizemos uma pré-estreia na Mostra Capiba de Teatro<sup>3</sup>, no final de 2009, entre outubro e dezembro, não lembro exatamente o mês. Apresentamos um ensaio aberto para a plateia. A peça ainda estava muito verde, muito em processo, e essa apresentação não foi muito feliz. Mas, a gente teve vários retornos do público, que nos ajudaram bastante e continuamos trabalhando. Em 2010, mais ou menos em julho ou agosto, fizemos a estreia oficial de *Chat* e, neste momento, surgiu o nome Teatro de Fronteira<sup>4</sup>. Até então, esse nome não existia. Eu tinha feito um espetáculo em 2006, uma cena curta na verdade, chamada *Pizza Coca e Crime: o dia em que Pai Ubu Marcola cagou no Brasil*, uma brincadeira, uma paródia feita a partir de um depoimento de Marcola<sup>5</sup>, líder do Primeiro Comando da Capital (PCC) paulista. Li esse depoimento e decidi levá-lo para a cena. Apresentamos num Festival daqui do Recife, que se chamava Curta Cena. Essa adaptação era atuada por Greyce Braga e Marconi Bispo. Considero que em 2006, o Fronteira estava começando, porque eu estava com muito desejo de ter um grupo, mas só veio de fato a se estabelecer como grupo em 2010. E como grupo de pesquisa sobre Teatros do Real<sup>6</sup>, a partir de 2012, embora lá em 2006 já houvesse esse germe.

---

<sup>3</sup> Realizada pelo Sesc-Casa Amarela (Recife/PE).

<sup>4</sup> O nome do grupo advém, primordialmente, da noção de fronteira presente nos estudos culturais e nos estudos *queer*, como lugar de atravessamentos, instabilidade identitária e provocação à norma. Como aponta LOURO (2001, p.542), “O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira”. In: LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Número 2, Ano 9, p. 541-553, 2º Semestre 2001.

<sup>5</sup> Publicado na Revista Caros Amigos. Maio de 2006.

<sup>6</sup> “Considerados por teóricos como Hans-Thies Lehmann ‘irrupções do real’ no tecido simbólico da representação, lidos por outros como incursões radicais de performatividade na moldura simbólica da teatralidade, como é o caso de Josette Féral, os ‘teatros do real’ foram assim nomeados por Maryvonne Saison no final da década de 1990. Em seu livro *Les théâtres du réel*, publicado em 1998, a professora de filosofia da Universidade Paris X [...] observava que determinados artistas e pesquisadores problematizavam as práticas de representação ao pretender que o espectador fosse colocado em confronto direto com as questões tratadas em cena, na reivindicação de acesso imediato ao real. [...] Segundo a autora, em determinadas experiências do teatro contemporâneo priorizava-se a concretização material da presença do ator, do espaço, do objeto e da situação, em oposição à relação mimética, abstrata, da representação com aquilo que representa”. (FERNANDES, p. 3, 4). In: FERNANDES, Sílvia. Experiências do real no teatro. **Sala Preta**. São Paulo, v.13/2, p. 3-13, 2013.

**DB:** Como funcionava o escoamento da produção para o público?

**RD:** Houve vários formatos, já que estamos em nosso décimo primeiro ano de existência. Fizemos muitas temporadas, circulações. A gente fez temporada com *Chat* no Teatro Joaquim Cardozo da UFPE; apresentações no Seminário Internacional de Crítica Teatral (Renascer Produções Culturais), na Mostra Capiba de Teatro, no Janeiro de Grandes Espetáculos. Em 2011, fizemos uma leitura dramatizada no Espaço Muda, espaço alternativo na Rua do Lima/Recife, de um texto chamado *Strip Tease*, da argentina Lola Arias. Em 2012, *Olivier e Lili: uma história de amor em 900 frases* estreou e fez temporada no Teatro Hermilo Borba Filho/Recife. Tínhamos incentivo do Funcultura<sup>7</sup>. A peça se apresentou também no Sesc Arcoverde/PE (Mostra Geraldo Barros), no Sesc Casa Amarela/Recife (Mostra Capiba), fez o Festival Recife do Teatro Nacional, o Janeiro de Grandes Espetáculos (Recife/PE); mas, é um espetáculo que fez poucas apresentações, acho que ele chegou a fazer apenas vinte no total. Em 2014, começamos um movimento de Teatro em Casa aqui no Recife<sup>8</sup>. Fomos o primeiro grupo a realizar um experimento de teatro em casa naquela época. Obviamente, isso já havia acontecido antes, nos anos 1980, 1990, em outros espaços da cidade. Mas naquele ano, 2014, nós fomos o primeiro grupo a realizar um experimento de teatro em casa, no meu apartamento, no bairro Boa Vista. Fizemos várias apresentações no meu apartamento de três espetáculos: *Solo Diva*, *Complexo de Cumbuca* e o *Caso Laramie*. Chamamos essa ação de A(P)TO 205; 205 era o número do meu apartamento. Foi muito gostosa essa experiência. Em 2014, também fizemos a estreia e as primeiras temporadas do espetáculo *Na Beira*, realizado na casa do intérprete, Plínio Maciel. Depois, esse espetáculo saiu por aí circulando, por outras casas, quintais, pátios, e também por espaços alternativos, como a sala de ensaios do Teatro de Santa Isabel/Recife, auditórios; até chegar em alguns teatros, como o Teatro Arraial Ariano Suassuna/Recife. Também nos apresentamos duas vezes na cidade de Surubim/PE, cidade natal do ator. *Na Beira* deve ter realizado, ao todo, mais de 70 apresentações ao longo de cinco anos. Em 2016, lançamos *Luzir é Negro!*, outro espetáculo, no espaço O Poste<sup>9</sup>, na Rua da Aurora/Recife. *Luzir* também é um

<sup>7</sup> Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura/Secretaria de Cultural/Governo de Pernambuco.

<sup>8</sup> Ver DOURADO, Rodrigo. Pedagogias do espectador: uma experiência com biodrama e teatro em casa. **Repertório**, Salvador, no. 26, p.197-213, 2016.1. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/17470>>. Acesso em: 07. Mai. 2021.

<sup>9</sup> Espaço Teatral do Grupo O Poste Soluções Luminosas (Recife/PE).

espetáculo que circulou bastante: fez temporadas no Teatro Marco Camarotti (Sesc Santo Amaro/Recife), apresentação no Museu da Abolição; no Teatro José de Alencar, de Fortaleza. Fez apresentação dentro de uma escola em Guaramiranga, no Ceará<sup>10</sup>; em Petrolina/PE, também em espaço alternativo do Sesc local; no salão de festas do Sesc Santa Rita/Recife. A gente vai mambembando por aí. Em 2018, estreamos *Ligações Perigosas*, com o qual nos apresentamos no Teatro Apolo, no Teatro Hermilo Borba Filho e no Teatro Arraial, todos no Recife. Enfim, passamos com nossas peças por inúmeros lugares: Teatro Milton Bacarelli (UFPE), Casa Rio (RJ), Casa Contemporânea (SP), Teatro do Sesc Caruaru/PE, Sesc Piedade/Recife, Teatro Luís Mendonça (Parque Dona Lindu/Recife), Sesc Garanhuns/PE, Mostra de Teatro Alternativo do Festival de Inverno de Garanhuns/PE, e vários outros espaços e configurações que me escapam à memória. Desde 2020, estamos fazendo tudo online por conta da pandemia.

**DB:** Como se dão as escolhas e motivações do grupo para a criação?

**RD:** O *Chat* foi uma dramaturgia que propus ao elenco. O *Pizza, Coca e Crime...*, que eu chamo de pré-história do *Fronteira*, também foi uma proposição minha de adaptar o depoimento para a cena. Em 2012, Wellington Jr. e eu traduzimos um texto chamado *Les Drôles*, de Elizabeth Mazev, um texto francês, e ele se tornou *Olivier e Lili: uma história de amor em 900 frases*. Misturamos a história de vida dos atores Fátima Pontes e Leidson Ferraz com a história da dramaturgia original, e é aí que surge o biodrama<sup>11</sup> em nossa jornada, essa coisa autobiográfica. A partir de 2014, iniciamos uma série de solos biodramáticos, já citados: *Solo Diva*, *Complexo de Cumbuca*, *Na Beira* e *Luzir...*. Essas peças todas surgem a partir da história de vida dos performers. A pessoa que está em cena conta a história de vida dela de maneira teatralizada, performativa. Às vezes chega como um convite, como no caso de Plínio, do *Na Beira*, que me convidou a dirigi-lo; assim como Marconi Bispo, de *Luzir é Negro!* Eles me convidam e eu chego para organizar o roteiro, criar um processo. O *Ligações Perigosas* também foi uma

<sup>10</sup> Festival Nordeste de Teatro de Guaramiranga.

<sup>11</sup> Criado pela encenadora argentina Vivi Tellas. Ver DOURADO, Rodrigo. Biodrama, Teatro Documentário e Performatividade nos espetáculos “Carnes Tolendas” e “Luís Antonio-Gabriela”, Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero, ABEH, Salvador, 2012. Disponível em: <[https://www.academia.edu/25897209/BIODRAMA\\_TEATRO\\_DOCUMENT%C3%81RIO\\_E\\_PERFORMATIVIDADE\\_NOS\\_ESPET%C3%81CULOS\\_CARNES\\_TOLENDAS\\_E\\_LUIS\\_ANT%C3%94NIO\\_GABRIELA](https://www.academia.edu/25897209/BIODRAMA_TEATRO_DOCUMENT%C3%81RIO_E_PERFORMATIVIDADE_NOS_ESPET%C3%81CULOS_CARNES_TOLENDAS_E_LUIS_ANT%C3%94NIO_GABRIELA)>. Acesso em: 07. Mai. 2021.

pesquisa de Rafael Almeida e minha, estávamos em busca de um texto e chegamos ao *Quartett*, de Heiner Müller, que é inspirado no romance *As Ligações Perigosas*, de Chardelo de Laclos. Por fim, os três últimos trabalhos online que realizamos, *Puro Teatro*, *Ciclope* e *O Evangelho segundo Vera Cruz*, erguidos na pandemia, também são dramaturgias minhas.

**DB:** Existe algum tipo de hierarquia no grupo, funções específicas ou todo mundo faz tudo?

**RD:** Isso ainda é uma coisa que está em processo, não é muito fechado, não é muito fixo. Ao longo dos anos, foi-se desenhando um certo organograma, como uma empresa, embora não sejamos empresa oficialmente. Hoje em dia, Rodrigo Cavalcanti é o produtor geral, é a pessoa que elabora e envia os projetos, faz a gestão financeira, a gestão de produção e é ator do grupo também. Ricardo Maciel é uma espécie de assessor do audiovisual, é a pessoa do audiovisual no grupo. Faz os registros fotográficos, os vídeos, cria peças gráficas. Nesse período da pandemia, ele dirigiu artisticamente os trabalhos em vídeo que realizamos. Eu sou uma espécie de, digamos assim, autor, diretor e talvez uma coordenação geral do grupo. Jailton Júnior, atualmente, é elenco, e, por enquanto, os outros atores que estão trabalhando conosco são convidados. A gente não sabe ainda se vão se tornar do grupo, mas são convidados. Nosso núcleo central está bastante reduzido e isso não é um problema.

**DB:** Você mencionou algumas criações feitas durante a pandemia, como foi produzir algo durante a pandemia?

**RD:** Em março de 2020, fizemos uma temporada de *Luzir é Negro!*, quando iniciáramos as comemorações dos dez anos do grupo. Haveria exposições, mostra de repertório, várias ações. Infelizmente, não deu para fazer. Mas, participamos, ano passado, de três projetos: Cultura em Rede do Sesc Pernambuco, no qual surgiu o espetáculo *O Evangelho segundo Vera Cruz*, já no formato online. Também realizamos o trabalho do Itaú Cultural, dentro do edital Arte como Respiro: *Puro Teatro*, um texto de minha autoria filmado em casa, estética da quarentena, cada ator no seu canto e Ricardo Maciel editando o vídeo. Fizemos também uma videoarte que se chama *600 réis*, realizada a partir do Sesc Convida, edital do Sesc Nacional. Essa obra é assinada por Marconi Bispo e Ricardo Maciel. Agora, estamos fazendo projetos para a LAB, a Lei Aldir Blanc/Pernambuco. Estamos fazendo um segundo vídeo que se chama *Ciclope*. Ele e o *Puro Teatro* fazem parte de um projeto que nomeamos de *Queerantena*, o nosso olhar para a questão

LGBT, para a questão das diferenças corporais, das dissidências<sup>12</sup>. Acabamos de realizar uma temporada online de *O Evangelho* pela LAB. Então, migramos para a Internet, para o digital, nesse ano da pandemia, e acessamos vários editais.<sup>13</sup>

**DB:** Vocês estão tendo alguma dificuldade para produzir vídeos online? A pandemia tem afetado a criatividade e a produtividade de vocês? De que modo?

**RD:** Olha, afeta porque a gente tem que aprender a fazer no online, mas abriu muitas possibilidades também. Foram vários editais, recebemos convites para festivais. Fizemos o Festival de Guaramiranga remotamente, fizemos temporada online ano passado de *O Evangelho*; recebemos um prêmio do Janeiro de Grandes Espetáculos por ações afirmativas, por conta de *O Evangelho* ser uma peça que trata da violência contra a população transgênera. Realizamos muitos debates, bate-papos online, isso está sendo ótimo porque tem uma frequência grande de público. E muita gente do Brasil pode ver o trabalho da gente. Gente que não está presencialmente no Recife pode assistir. Temos feito bons debates, lives no *Instagram*. Recentemente, fizemos debates com o Ian Habib e com a Sara Wagner York. São dois militantes da questão transgênera no Brasil. Abriram-se muitas possibilidades para nós neste período da pandemia. Tanto financeiras quanto artísticas e de formação.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> Os atravessamentos de gênero e sexualidade estão presentes na pesquisa do Teatro de Fronteira desde sua origem. Em *Chat*, a exposição das inúmeras formas de violência contra a mulher no mundo digital e a partir dele davam a tônica; em *Olivier e Lili*, o grupo se debruça sobre uma relação de amizade e amor que rompe com padrões do ser homem e ser mulher no mundo ocidental pós-1960; em *SoloDiva*, *Complexo de Cumbuca* e *O Caso Laramie*, respectivamente, discutem-se fantasias performativo-teatrais que deslocam identidades de gênero fixas, relações afetivo-sexuais de homens *gays* nos aplicativos de namoro e crimes de motivação LGBTfóbica; em *Luzir é Negro!*, 2016, reflete-se sobre os deslocamentos da norma sexual e de gênero a partir de intersecções com a negritude e com os preconceitos raciais; em *Ligações Perigosas*, 2018, retomam-se os cruzamentos classe-religião-gênero-gozo na obra de Chordelo de Laclos/Heiner Müller e nas relações Valmont-Merteuil-Tourvel-Volange; e, em *Puro Teatro*, 2020, a memória é agenciada para falar das dores e delícias da infância viada. Ver: DOURADO, Rodrigo. Kuirformance em *O Evangelho segundo Vera Cruz* do Grupo Teatro de Fronteira. In: DA COSTA, José; FERNANDES, Sílvia. (Orgs.) **Políticas da cena contemporânea: comunidades e contextos** (*No prelo*).

<sup>13</sup> Em 2022, o grupo leva ao público o processo de criação do biodrama *Essa Menina*, uma palestra-performance-novela, com direção de Rodrigo Dourado e atuação de Roberta Ramos. Apresentado como ensaio aberto no Trema Festival, mês de maio, no Memorial da Medicina e Cultura da UFPE/Recife.

<sup>14</sup> Ver: DOURADO, Rodrigo. Teatros da pandemia: o giro viral. Disponível em: <[https://www.academia.edu/42786267/Teatros\\_da\\_Pandemia\\_O\\_Giro\\_Viral\\_Por\\_Rodrigo\\_Dourado](https://www.academia.edu/42786267/Teatros_da_Pandemia_O_Giro_Viral_Por_Rodrigo_Dourado)>. Acesso em: 26. Ag. 22.

**DB:** Vocês sentem o aumento de pessoas nas ações, que a produção de conteúdo de vocês tem conseguido alcançar mais o público no formato online?

**RD:** Definitivamente, acho que sim. Tivemos um aumento significativo de seguidores no *Instagram*, um aumento significativo de seguidores de fora do Recife. Acho que a pandemia permitiu que pessoas de outros lugares do Brasil pudessem acessar e conhecer o nosso trabalho. Isso está sendo muito bom, porque quando a gente fica em temporada, nos teatros da cidade, é muito difícil levar público e ficamos restritos ao público da cidade. Agora, estamos alcançando muita gente de outros estados do Brasil.

**DB:** Além de dirigir, você também escreve, atua? Poderia nos contar um pouco de sua trajetória individual?

**RD:** Na verdade, eu dirijo mais que atuo. Dirijo desde 1998. Comecei a dirigir quando fazia o Curso Regular de Teatro do Sesc Santo Amaro/Recife (1997-1999), dentro das disciplinas do curso. Mas, eu começo a dirigir de fato, “profissionalmente”, entre aspas, porque nunca vivi exclusivamente da direção do teatro, em 2001, a partir de vários projetos do Sesc: Projetos Dramaturgias, Projeto Poetas da Terra do Sesc de Santo Amaro/Recife. Dirigi leituras dramatizadas de *Sonho de uma noite de verão*, *As aventuras de Sem Forma nos quatro reinos do universo*, *Leonor de Mendonça*. Trabalhei com poesia encenada, como em *Três movimentos diSSonantes*, *Mil flores*, *Oratório da carne* e *As reticências dos sonhos*. Esses dois projetos me deram a oportunidade de experimentar muito, de trabalhar com muitos atores, de conhecer muitos textos. A partir de 2001, comecei a dar aulas, e dirigi vários trabalhos com alunos dentro do Instituto de Cultura Técnica (ICT), como *A comédia do boi*, *Espécie* e *As mulheres de García Lorca*. Depois, passei a dar oficinas e cursos e segui dirigindo trabalhos como *Mistério das figuras de barro*, *Uma festa do barulho*, *Ensaio*, *Os sacos vermelhos* etc. Então, venho dirigindo desde 1998. Também fui dramaturgista das montagens de *Psicoses 4.48* e *De uma noite de festa*, ambas pelo Sesc Piedade/PE, com direção de Wellington Jr. Já minha carreira acadêmica: sou jornalista e fiz o meu Doutorado na área de teatro pela UFBA. Hoje, sou professor de teatro da Universidade Federal de Pernambuco. Também atuei muito como crítico teatral, escrevi críticas ao longo de muitos anos<sup>15</sup>. Como ator, o último trabalho que fiz foi o *Ligações Perigosas*, em

---

<sup>15</sup> Colunista do Portal Tô Na boa (2001); Críticas publicadas no JC OnLine (2001); Colaborador e Crítico da Continente Multicultural (2001 a 2014); Cobertura de Festivais como Cena Contemporânea de Brasília; Fiac/BA;



2018. Fiz alguns trabalhos pontuais ao longo dessas décadas, dirigido por Breno Fittipaldi, Wellington Júnior e Marconi Bispo<sup>16</sup>. Mas, o meu ator fica um pouco dormindo, meu diretor é mais ativo.<sup>17</sup>

**DB:** Qual a mensagem que vocês gostam de trazer para o público?

**RD:** O Teatro de Fronteira trabalha com as questões da memória, o teatro da memória, as narrativas de sujeitos comuns, que não têm as suas histórias contadas dentro da história oficial. Trabalhamos com as questões LGBTs, raciais, de gênero, da população transgênera, do artista periférico, fora dos circuitos comerciais/centrais. Eu diria que a linha de pesquisa do Fronteira, do ponto de vista conceitual, é resgatar, recuperar, dar voz a histórias de vida marginalizadas. Do ponto de vista artístico, a gente trabalha com biodrama, teatro documentário, teatro da memória, mas não exclusivamente, podemos também trabalhar com espetáculos mais convencionais, mas a memória é o grande motor. Nós fazemos um teatro político, um teatro que quer provocar a plateia a sair de suas convicções, de suas certezas, de seus olhares sobre o mundo, sobre a sociedade, sobre os papéis sociais. O nosso teatro é um teatro que provoca a plateia politicamente a repensar os seus modelos, os seus padrões sociais. Eu diria que a mensagem é essa, a gente sempre quer fazer as pessoas saírem de seus lugares de conforto, de seus lugares estáveis, é esta a nossa provocação.

**DB:** O que você diz para nós, que somos estudantes de artes cênicas, sobre o futuro na carreira?

**RD:** Eu diria que não desistam fácil. Vão surgir muitas dificuldades, muitas tentações para vocês desistirem e abraçarem carreiras que dão retornos mais imediatistas. Tem muito esse chamado do mercado para ser produtivo, para ganhar dinheiro, fazer dinheiro. Abraçar uma profissão que

---

Crítico convidado do Festival Recife do Teatro Nacional (2011); Editor-Chefe e Crítico do Portal Teatro PE (2006/2007); Críticas publicadas no Jornal Diário de Pernambuco; Colaborador do site 4Parede (2014/Atual); Coordenador e facilitador de oficinas do Seminário Internacional de Crítica Teatral (Renascer Produções Culturais/2005 a 2011).

<sup>16</sup> *Faca de dois gumes, O improviso de Ohio e Amêndoa amarga, venenosa e pura*; todos com direção de Breno Fittipaldi; *The Célio Cruz Show*, com direção de Marconi Bispo.

<sup>17</sup> Em 2022, funda a Companhia de Teatro da UFPE, que nasce com o espetáculo *Não vão nos matar agora*, livremente inspirado na obra da artista e pesquisadora Jota Mombaça. *MOMBAÇA*, Jota. **Não vão nos matar agora**. RJ: Cobogó, 2021.

permita ter casa, carro, poder viajar, ter família, filhos, enfim, viver bem de acordo com certos padrões. Acho que todo mundo tem o direito de viver bem, viver bem é um direito. Mas, o teatro não dá isso muito rápido e muito fácil. O teatro demora a dar isso, mas ele pode dar. Então, primeiro, eu diria: calma, não se apressem, porque é lento, é demorado, tem que estudar muito, muito. Costumo dizer aos meus alunos assim: tentem ser os melhores no que vocês fazem, porque isso vai ser assim para qualquer profissão, em qualquer profissão você tem que ser o melhor naquilo que você faz. Porque até um advogado, um engenheiro e um médico podem ficar sem trabalho, tem muita gente dessas profissões super tradicionais que não tem trabalho. E eu não vou dizer que elas não têm porque são incompetentes, de jeito nenhum, mas o mercado é disputado, difícil para qualquer profissão. Estudem muito, sejam os melhores no que vocês fazem, não entrem “numas” de que vocês vão ser somente uma coisa: “ah, eu quero ser somente atriz”. Isso não existe em nenhuma profissão. Ninguém é somente advogado. O advogado, ele vai dar aulas de direito quando ele precisar, vai ser empresário dele mesmo, vai abrir o escritório dele. Quando ele abrir o escritório, ele vai ser o designer do escritório, vai montar a marca dele, vai fazer a comunicação do escritório, vai para a rua prospectar cliente. Em nenhuma profissão, ninguém é só “aquilo”, mas no teatro a gente costuma ouvir muito assim: “ai, não dá para viver só como ator, né?” Mas, não dá mesmo, gente, vocês vão ter que dar aula, ser produtores, iluminadores, cenógrafos, diretores, atrizes, vocês vão ter que “se virar nos trinta” porque é assim em qualquer área. Aprendam o máximo de tudo que vocês tiverem acesso, contato, para vocês poderem ser múltiplos na profissão de vocês. E, sobretudo, se articulem politicamente com o movimento teatral da cidade. Não fiquem isolados. Procurem saber o que existe no movimento. Quem são as pessoas? Quais são os mecanismos de incentivo, de financiamento do poder público? Se apropriem dos editais, das leis para poder acessar os recursos. Ninguém vai ficar rico, realmente, no teatro, só se você for fazer um teatro muito comercial, mas é muito difícil. Sobretudo numa cidade como o Recife, e nas demais fora do eixo RJ-SP, que não têm mercado televisivo para atores e atrizes, algo que os projete, porque isso faz com que o público chegue junto na casa de espetáculos, quando conhece o artista da TV. No Recife, a gente não tem isso. A gente tem que se fortalecer junto com a nossa classe, dominar as leis que existem para poder acessar os recursos públicos. Sabe a imagem da pessoa que entra na mata com o facão abrindo passagem. A gente tem que fazer isso no Recife e em outras praças, tem que abrir com o facão,

passagem, criar espaço, criar oportunidades para o público chegar. Temos que criar o nosso público para podermos viver do nosso teatro.